

A questão da Palestina nos documentários Promises (2001) e NEY (2015)

***The Issue of Palestine in the documentaries
Promises (2001) and NEY (2015)***



LODOS, Claudinei*

RESUMO: *Promises* e *NEY* são produções cinematográficas que destacam a questão da Palestina através do olhar de dois judeus. Em *Promises*, documentário estadunidense, Goldberg entrevista crianças árabes e judias e coloca em pauta o problema do terrorismo. Em *NEY*, documentário argentino, Avruj fala sobre o sionismo a partir de tradições judaicas, mas não o associa à política de expropriação de terras na Palestina. Como judeus seculares, Avruj e Goldberg debatem os problemas em torno do conflito israelo-palestino e permitem que suas identidades sejam colocadas à prova.

PALAVRAS-CHAVE: Palestina; documentário; Israel; identidade.

ABSTRACT: *Promises* and *NEY* are film productions that highlight the issue of Palestine through the view of two Jewish persons. In *Promises*, an American documentary, Goldberg interviews Arabian and Jewish children, and brings the problem of terrorism to debate. In *NEY*, an Argentinian documentary, Avruj talks about the Zionism based on its Jewish traditions, but does not associate it with a policy of land expropriation in Palestine. As secular Jews, Avruj and Goldberg debate the problems surrounding the Israeli-Palestinian conflict and allow their identities to be put to the test.

KEYWORDS: Palestine; documentary; Israel; identity.

*Recebido em: 14/09/2019
Aprovado em: 07/02/2020*

* Mestre em História pela Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), Guarulhos-SP. Professor da Rede Pública do Estado de São Paulo. E-mail: ney_lodos@hotmail.com

Introdução

Os documentários *PROMISES* (2001) e *NEY: Nosotros, Ellos y Yo* (2015) contribuem com a discussão acerca do conflito israelo-palestino, especialmente no que concerne às questões cujos desdobramentos aconteceram a partir da década de 1990. A estreita relação entre ambas as produções e a questão da Palestina relaciona-se ao fato de que os diretores são judeus e partilham de questões comuns no tocante à construção de suas identidades. Nas duas produções cinematográficas o documentarista vai a campo; modo de representação conhecido como participativo¹. Em *Promises*, as imagens captadas nas terras israelenses e palestinas são do período em que vigorou o processo de paz iniciado com o acordo de Oslo². Já em *NEY*, a maior parte das imagens refere-se ao fim desse período, quando eclodiu a segunda *Intifada*³. Conforme os documentários, Goldberg (judeu americano) e Avruj (judeu argentino) viveram fora da região do conflito, mas o problema enfrentado por árabes e judeus naquela região tornou-se parte deles também. É válido ressaltar que a produção de filmes documentários pode expressar os “valores e crenças” de uma determinada comunidade através da construção ou contestação das questões relacionadas ao pertencimento dessa comunidade no que se refere ao tempo e ao espaço (NICHOLS, 2012, p.181-182).

O cinema se tornou, sem dúvida, um meio importante para o desenvolvimento de estudos concernentes aos conflitos do Oriente Médio, especialmente para pesquisadores que se encontram distantes geograficamente da região. O filme tem o potencial de atravessar fronteiras, considerando sua difusão através dos festivais, além de agregar diferentes significados por meio dos seus dispositivos referentes às imagens e sons. O

1 Segundo Nichols, nesse modo de representação os documentaristas “vivem entre os outros e falam de sua experiência ou representam o que experimentaram”, além de reduzirem “a importância da persuasão, para nos dar a sensação de como é estar em uma determinada situação, mas sem a noção do que é, para o cineasta, estar lá também” (NICHOLS, 2012, p. 153).

2 O “acordo de Oslo” marcou o início do processo de paz e o fim da primeira *Intifada* (1987- 1993). No dia 11 de fevereiro de 1993, na cidade de Oslo, Noruega, a liderança árabe palestina aceitou a proposta inicial para o estabelecimento de um acordo. O que ficou estabelecido para Israel foi a retirada das suas forças militares – deixando o controle dos territórios adquiridos em 1967 – e que Israel acabasse com a expansão dos assentamentos, além do reconhecimento da autoridade palestina. Já os palestinos deveriam renunciar ao terrorismo praticado durante o período de guerra e reconhecer o direito à existência do Estado de Israel (LODOS, 2019, p. 220).

3 A segunda *Intifada* teve início em setembro de 2000, após uma visita de Ariel Sharon à Esplanada das Mesquitas. No ano 2000, devido às disputas políticas, o primeiro ministro de Israel, Ehud Barak, procurou retomar o acordo que ficou paralisado após o assassinato de Isaac Rabin, primeiro ministro de Israel, em 1995. Arafat não assinou o acordo de Camp David e, segundo Pappé, por conta disso os Estados Unidos e Israel “o castigaram de imediato, apressando em apresentá-lo como um belicista”. O autor afirma que isso foi uma humilhação e que, somada à visita do líder israelense à Esplanada das Mesquitas, desencadeou a segunda *Intifada* (PAPPÉ, 2016, p. 278).

filme, a partir da sua voz⁴, pode desvelar questões no tocante aos problemas sociais debatidos nele, considerando a identificação das “ambiguidades, incertezas e tensões”, além da perspectiva polissêmica da imagem, pois “um filme pode abrigar leituras opostas acerca de um determinado fato, fazendo desta tensão um dado intrínseco à sua própria estrutura interna” (MORETTIN, 2007, p. 42-64).

Neste texto procuramos considerar as aproximações das duas produções cinematográficas a partir das especificidades do gênero documentário tendo em vista a construção do discurso sobre o conflito israelo-palestino segundo os olhares dos dois diretores. Logo, ressaltamos a representação da questão da Palestina sem deixar de lado as tensões presentes numa sociedade segregada e com longo histórico de guerra. Nos dois documentários, israelenses e palestinos estão representados pelos judeus de fora (Goldberg e Avruj), mas que também se fazem de dentro quando atravessam as fronteiras e entram em contato com eles.

Promises (2001): A questão do terrorismo no documentário estadunidense

Promises é um documentário que representa a questão da Palestina a partir dos fatos históricos ocorridos na região desde 1948, com a criação do Estado de Israel. A equipe de produção do documentário esteve nas terras israelenses e palestinas na década de 1990 - período marcado pelo processo de paz - e captou imagens e depoimentos tanto de crianças árabes quanto judias residentes em Jerusalém e nas proximidades. Goldberg, um dos diretores do documentário, foi jornalista durante a primeira *Intifada*, além de trabalhar em organizações engajando-se em propostas que visavam a solução de conflitos.

Nos primeiros minutos, o documentário exhibe imagens da paisagem da cidade de Jerusalém e algumas crianças da localidade. Nos próximos planos explora um dos assuntos mais espinhosos que envolvem os conflitos no Oriente Médio: o terrorismo. A cena se passa em um ônibus, durante um depoimento de Yarko.

Já teve muitos ataques terroristas na linha 18. As pessoas evitam a linha 18. É besteira! Posso pegar a 22, que devia ser mais segura e mesmo assim posso explodir. Quando subo num ônibus tenho medo e olho se há pessoas estranhas. Se eu vejo um cara muito estranho eu fico de olho. Tento pular do ônibus antes dele. Aí fico vendo se o ônibus explode. Yarko Solan (PROMISES, 2001).

4 Segundo Nichols, o documentário pode ser apropriado como uma representação do mundo, não uma reprodução da realidade. É, portanto, uma “visão singular do mundo”. Nichols explicita isso quando se refere à voz do documentário. Na perspectiva do autor, a voz do documentário - pela força do seu argumento na defesa de uma causa -, é capaz de persuadir ou convencer (NICHOLS, 2005, p. 73-76).

A prática de ações terroristas pode ser compreendida como parte de um movimento de resistência dos árabes palestinos frente à ocupação israelense⁵. Na sequência de planos exibida durante o depoimento de Yarko, há uma montagem da cena com tomadas diferenciadas. A sequência sugere que Yarko olha para um árabe, “suspeito terrorista”, para corroborar a dramaticidade do seu discurso. É notório que esse árabe está em outro ônibus; ou seja, nessa sequência há um “lapso” na montagem, facilmente visto pelo espectador ao se atentar para as pessoas que estão no ônibus e para a posição da tomada da imagem.

A montagem, contudo, não deixa de revelar a fragilidade das pessoas que transitam pela cidade de Jerusalém. O medo desses indivíduos é instrumentalizado para legitimar o abuso das forças militares israelenses. Em uma sequência posterior - quando as crianças visitam Deheishe, um campo de refugiados -, enquanto eles passam por um posto de fiscalização, Yarko afirma: “Não é justo, aqui é terra deles. Por que eles têm que ser revistados?” Na sequência, a mãe dele diz: “É a terra deles, mas não queremos que joguem bombas na gente. É complicado” (PROMISSES, 2001).

O terrorismo faz parte do cotidiano dessa sociedade; seja no imaginário, nas pichações dos muros ou mesmo na presença do exército israelense. Segundo Morris, a Autoridade Palestina diminuiu os ataques nesse período porque a política de Netanyahu paralisou o processo de paz (MORRIS, 2014, p. 167). Esse apontamento indica que as diferentes disputas internas, de ambas as partes, impediam a solução do conflito.

Durante o processo de paz, na década de 1990, inúmeros esforços foram realizados com o objetivo de arrefecer as práticas terroristas tanto no território israelense quanto no palestino. No entanto, os grupos extremistas que adotaram posicionamentos mais radicais, dos dois lados, se opuseram à solução que direcionava a formação de dois Estados. Netanyahu já havia condenado o processo de paz antes de assumir o governo de Israel. Segundo Cohn-Shrebok, enquanto Rabin e Arafat negociavam sobre os assuntos pertinentes ao acordo - tais como cooperação econômica, compartilhamento de água e o problema dos refugiados -, violentos ataques foram desferidos contra a população. O autor afirma que “os esforços para renovar o processo de paz inflamaram os ânimos dos membros do *Hamas* e da *Jihad Islâmica*, os quais se

5 Após 1948, com o estabelecimento do Estado de Israel na Palestina, os sionistas ocuparam muitas terras na região de forma que os árabes foram expropriados de suas casas. Em 1967, por consequência da guerra, Israel ocupou a Cisjordânia, a Faixa de Gaza e Jerusalém Oriental. Segundo Said, depois desse fato, “o sionismo israelense passou a difundir-se a partir da esotérica política de tratar os palestinos como se não estivessem lá [...]. A busca de paz pelos palestinos adquiriu um significado concreto: acabar com a ocupação israelense” (SAID, 2012, p.143).

opunham veementemente a firmar compromissos”. O *Hamas* teve o apoio do Irã e, com isso, para além dos ataques que visavam a condenação da ocupação israelense, conseguiu efetuar melhorias para a população palestina no âmbito do bem-estar social (COHN-SHERBOK; EL-ALAMI, 2005, p. 93). Em vista disso, tanto a população israelense quanto a palestina deixou de apoiar o acordo de Oslo. A Autoridade Palestina representada pela Organização para a Libertação da Palestina (OLP) - apesar do líder Arafat prender extremistas do *Hamas* - e a insistência de Rabin no processo de paz, mesmo sendo acusado de traidor do estado judaico, não conseguiram mobilizar a sociedade israelo-palestina para que se engajassem nas diretrizes do acordo. Em *Promises*, a manifestação no campo de refugiados Deheishe e o discurso de algumas crianças corroboram a essa afirmativa.

Isso é provocação. Parece até que os judeus são os donos da terra. Como você se sentiria? Meu coração quer explodir. Eu apoio o *Hamas* e o *Hezbollah*. Eles matam mulheres e crianças, mas fazem isso pelo seu país. Quanto mais judeus eles matarem, menos judeus vai sobrar. Até que acabem quase sumindo. Quando explodimos seus ônibus, eles ficam furiosos. Mahmoud Mazen Mahmoud Izhman (PROMISES, 2001).

O espectador também observa a marcha de celebração da reunificação de Jerusalém, que acontece anualmente e é organizada pelo movimento dos assentamentos judaicos, conforme a narrativa de Goldberg no documentário. Nessa celebração, a marcha passa pelo setor palestino a caminho do Muro das Lamentações. *Promises* contrasta a alegria dos israelenses com o ódio dos palestinos levando Mahmoud para contemplar a marcha comemorativa. No decorrer da sequência em que Mahmoud faz esse contundente depoimento, o sujeito da câmera registra vários momentos da passeata israelense ao som de uma música festiva. Provavelmente o ódio expressado por ele tenha sido provocado pela constante presença dos israelenses, uma vez que ele reside em Jerusalém e a cidade ficou sob o controle de Israel após a Guerra de 1967.

Esse confronto marcou consideravelmente a história do conflito e significou, para os israelenses, a anexação da cidade de Jerusalém - além da Margem Ocidental - à sua zona de controle, sendo que antes disso a cidade estava sob o domínio da Jordânia. Desde então os israelenses comemoram a reunificação da cidade, ignorando o fato de que um importante contingente árabe reside ali. A marcha israelense, portanto, representa uma conquista para o Estado de Israel e uma afronta à comunidade árabe palestina, sendo que, de um lado, a celebração aquece o patriotismo e, de outro, incita o ódio.

A política de resistência adotada pelos árabes palestinos é esclarecida através dessa pungente declaração de Mahmoud. É preciso considerar que as crianças, em seu

processo de formação, reproduzem ideias que não necessariamente dizem respeito a um conhecimento elaborado por elas, mas sim retransmitido por mestres e responsáveis. Em um plano de *Promises* em que Goldberg e Mahmoud dialogam, há uma tensão quando o segundo questiona o primeiro sobre sua identidade, pois Mahmoud o aceita como amigo, mas não o reconhece como um judeu. Goldberg nasceu nos Estados Unidos e viveu parte da sua infância em Israel. Ele se apresenta como judeu não praticante do judaísmo. No documentário, Mahmoud, um tanto desconcertado, diz: “Você é um menino judeu americano”. Após o diálogo, o plano termina com os dois de mãos dadas. Destacamos nessa montagem a tentativa de uma reconciliação como forma de prenúncio profético. Essa sequência faz parte de um esforço da produção do filme para o encaminhamento e a propagação do processo de paz.

Said, em análise sobre o livro *The Revolt*, de Menachem Begin - em *A questão da Palestina* (1979) -, faz questionamentos sobre o terrorismo. Como foi representante da causa palestina, é relevante observar em sua obra as considerações que ele faz a respeito do termo. Said afirma que Israel praticou terrorismo durante a guerra de 1948 e que inclusive Begin, primeiro ministro de Israel na época, se responsabilizou pelos atos terroristas que culminaram no massacre da aldeia de Deir Yassin. Said ressalta que apesar de Begin ser conhecido como um político que praticou terrorismo, “algumas semanas depois de ser eleito, em maio de 1977, ele apareceu na imprensa como um ‘estadista’ [ou seja,] seu terrorismo tinha sido esquecido” (SAID, 2012, p. 51).

Em setembro de 1991, o acadêmico Edward Said participou de um seminário com intelectuais e ativistas palestinos em Londres. O evento aconteceu pouco antes da Conferência de Paz de Madri. Era um momento tenso, pois a liderança palestina se posicionou ao lado de Saddam Hussein, logo após o término da Guerra do Golfo. Said sustentou que a posição dos palestinos era desvantajosa para a negociação e que a Conferência tinha o propósito de impulsionar, através das articulações, o progresso dos palestinos a caminho da autodeterminação⁶. O autor salienta:

Vínhamos de todo o disperso mundo palestino – da Margem Oeste e Gaza, da diáspora palestina em vários países árabes, da Europa e da América do Norte. O que transpirou no seminário foi uma terrível frustração: a interminável repetição de argumentos mais que conhecidos, nossa inabilidade em nos concentrar numa meta coletiva, o aparente desejo de ouvir apenas a nós

6 Na década de 1980, segundo Said “[...] a Comunidade Econômica Europeia (CEE) declarou a autodeterminação palestina como um dos principais pilares de sua política para o Oriente Médio. [...] a Organização para a Unidade Africana (OUA), a Conferência Islâmica, a Internacional Socialista e a Unesco – além do Vaticano, de várias instituições eclesiais internacionais e inúmeras entidades não governamentais – davam à causa da autodeterminação palestina uma ênfase extraordinária, muitas de maneira inédita.” (SAID, 2012, p. XXX).

mesmos. Em resumo, nada saiu dali exceto uma sinistra premonição do fracasso palestino em Oslo (SAID, 2004, p. 429).

Em meio à turbulenta negociação e à primeira *Intifada*, que conquistou notoriedade na mídia mundial, Said escreveu o prefácio da edição de 1992 do livro *A questão da Palestina*. A relevância da sua análise para a compreensão da problemática em que o documentário *Promises* se insere está relacionada aos desdobramentos ocorridos na política sobre as negociações que visavam a paz desde *Camp David* (1978). A principal abordagem que Said faz no prefácio é a respeito da relação dos Estados Unidos com Israel e a consequência disso para a questão da Palestina.

Nos Estados Unidos havia uma posição cautelosa frente aos direitos palestinos, diferentemente do apoio concedido pela comunidade europeia. Said afirmou existir um *lobby* sionista em conformidade com os governos direitistas de Israel. Até 1992, por exemplo, pró-palestinos somente podiam participar de programas de televisão se o cônsul de Israel autorizasse, o que era imprevisível (SAID, 2012, p. XXX). É válido reafirmar que a principal representante do povo palestino, a OLP, era conhecida como uma “organização de terror”, e isso era um entrave para a sua aceitação nos Estados Unidos. Por conseguinte, a política dos Estados Unidos foi apontada muitas vezes como contraditória. Os presidentes do país, em discursos laudatórios, apoiavam os povos que lutavam pela liberdade - como os chineses, russos, povos do Leste Europeu e afegãos -, mas não reconheciam os direitos do povo palestino.

Os Estados Unidos representavam a principal força atuante no Oriente Médio, além de ser aliado de Israel. O cenário internacional favoreceu Israel no pós-guerra porque, no contexto da Guerra Fria, os sionistas contaram com o apoio dos Estados Unidos, que se justificava porque os ideais sionistas se associavam ao liberalismo e ao Iluminismo. Nesse viés, tudo o que se distanciava desse cenário político ocidental, como o islamismo e o próprio comunismo da União Soviética, era considerado retrógrado e deveria ser afastado (SAID, 2012, p. 33).

Nos Estados Unidos, a questão da Palestina era sempre secundária diante dos maciços interesses norte-americanos nas nações árabes e, é evidente, em Israel; na verdade, podemos afirmar que a Palestina era uma questão interna dos Estados Unidos, dominado desde 1948 pelo *lobby* israelense, quase sem objeções da parte de certas alas da sociedade. (SAID, 2012, p. XXXVI)

Apesar de apontar o *lobby* israelense como uma força que pressionava as deliberações sobre o conflito, Said reconheceu também a existência de ações pró-Palestina praticadas por organizações e indivíduos norte-americanos. Havia a opinião

pública alinhada ao discurso de esquerda e aqueles que se opunham tanto à política de guerra quanto às ações imperialistas do governo norte-americano. Sendo assim, esses grupos eram contrários à posição oficial das autoridades norte-americanas. A presença de árabes na sociedade estadunidense, como o próprio intelectual Edward Said, é outro fator digno de nota.

Em *Promises*, Mahamoud participa de uma aula em uma escola islâmica, na qual o professor instrui os alunos nos preceitos da fé islâmica e sobre o direito à liberdade. A condução da aula e as ênfases que ele dá, no entanto, incitam o ódio nas crianças. *Promises* não traz nada além do que o mundo ocidental concebe como terrorismo, ou seja, está muito mais dentro da lógica de reproduzir uma representação já existente do que de problematizar sobre a violência praticada nesse território. Na verdade, corrobora a ideia de que a orientação islâmica promove o terror desde a mais tenra idade, uma vez que concede a Mahmoud a voz sobre a questão.

NEY (2015): Sionismo no documentário argentino

Minha família chegou à Argentina escapando das perseguições que sofriam na Europa. Desde pequeno me falavam sobre a importância de existir um Estado onde pudéssemos viver seguros na antiga terra de Israel. Falavam ainda do sionismo, um movimento que levou milhares de judeus de todo o mundo de volta à terra prometida, e que deu origem ao *kibutz*, como base de uma sociedade mais justa. Nicolás Avruj (NEY, 2015, tradução nossa)⁷.

O documentário argentino *NEY*, de Nicolás Avruj, coloca a questão do conflito entre árabes e judeus em pauta. Nas entrevistas que Avruj realizou durante os três meses da viagem que fez para Israel e Palestina no ano 2000, o diretor questionou os árabes e os judeus acerca dos problemas que se passam na região. As imagens que o documentário exhibe quando introduz a questão do sionismo corroboram a narrativa do diretor, em voz *over*⁸. A sequência explora imagens de arquivo que mostram pessoas em sofrimento, num estado de guerra. Quando Avruj narra sobre o sionismo, o documentário altera o modo como a história é contada, passando das imagens melancólicas – nas quais utiliza apenas o som diegético – para introduzir uma pulsante música da cultura judaica e imagens de pessoas trabalhando com semblante alegre, demonstrando contentamento. *NEY* apresenta, já no início, uma trilha sonora

7 [No original] “Mi familia llegó a Argentina escapándose de las persecuciones que sufrían en Europa. Desde chiquito me transmitieron la importancia de tener un Estado en el que vivir seguros en la antigua tierra de Israel. Me hablaron del sionismo, un movimiento que impulsó a miles de judíos de todo el mundo a volver a tierra prometida y crear así los *kibutz*, como base para una sociedad más justa” (NEY, 2015).

8 Também conhecida como voz de Deus, a voz *over* é a locução fora de campo (RAMOS, 2008, p. 23).

simbolicamente judaica. Ao final da música, antes de exibir a comunidade de judeus na rua em celebração e uma bandeira branca com a estrela de Davi hasteada, o espectador pode observar com clareza a primeira página de um periódico com os dizeres: “Quem entra na lama do antissionismo acaba inevitavelmente no lamaçal do antissemitismo”.

As imagens comumente utilizadas para tratar das perseguições aos judeus na Europa são aquelas que remetem ao Holocausto. Em *NEY*, não há evidência desse fato histórico, mas o espectador é facilmente levado a crer que as perseguições mencionadas nessa sequência dizem respeito àquele período. Através das imagens, som e narrativa, o documentário apresenta o sionismo como uma solução para o problema. Além disso, iguala antissionismo a antissemitismo quando exibe a capa do periódico.

Para compreender o processo histórico ao qual esses termos se referem, é válido retomar o advento do sionismo a partir do seu contexto e espaço. A Palestina, no final do século XIX, estava sob o domínio do Império Otomano e contava com uma população de 475 mil habitantes⁹. A primeira *aliá*, imigração judaica para *Eretz Israel*¹⁰, ocorreu entre 1882 e 1903. Até esse período não havia o projeto político de formação de um Estado secular judeu na Palestina. Pappé (2016) afirma que o sionismo “secularizou e nacionalizou o judaísmo” (p. 31). O sionismo surgiu na Europa no final do século XIX, após uma onda de perseguições aos judeus. Tanto o caso Dreyfus¹¹ quanto os *pogrom*¹² na Rússia servem de exemplo para esclarecer o antissemitismo vigente naquele período.

O judeu austríaco que estabeleceu as bases do sionismo na Europa foi Theodor Herzl. Nascido em 1860, Herzl foi um articulador importante entre os círculos diplomáticos e políticos e presidiu o *I Congresso Sionista* (1897), considerado um marco para o início do movimento na Europa. Herzl afirmou que o fato de a comunidade judaica ter se unido em torno de um projeto para a formação de uma nação para os judeus já representava uma conquista sionista. No discurso, diz ainda que “o sionismo é o retorno

9 Segundo Morris, “em 1881 havia cerca de 25 mil judeus e 450 mil árabes” na Palestina (MORRIS, 2014, p. 49).

10 *Eretz Israel* é uma região da Palestina e representa um lugar de peregrinação religiosa. O retorno para a “terra prometida”, segundo os preceitos religiosos, se daria com o cumprimento da promessa da vinda do Messias (PAPPÉ, 2016, p. 30).

11 “O caso Dreyfus foi um equívoco do judiciário francês culminando em um escândalo político, ocorrido na última década do século XIX. O oficial de artilharia do exército francês, de origem judaica, Alfred Dreyfus, foi acusado de vender segredos militares a um adido alemão [...]” (SILVA, 2013, p. 1). Disponível em: <http://www.revistacontemporaneos.com.br/n11/dossie/Dossie4-dreifus.pdf>. Acesso em: 18 jan. 2020.

12 *Pogrom* é uma palavra russa que significa “causar estragos, destruir violentamente”. Historicamente o termo refere-se aos violentos ataques físicos da população em geral contra os judeus, tanto no império russo como em outros países”. Enciclopédia do Holocausto. Disponível em: <http://www.ushmm.org/ptbr/holocaust-encyclopedia>. Acesso em: 18 jan. 2020.

ao judaísmo e precede o regresso ao país dos judeus” (HERZL, 1897)¹³. Conforme Said (2012), na década de 1890, na ocasião em que Herzl concebeu o sionismo, “tratava-se de um movimento para libertar os judeus e resolver o problema do antissemitismo no Ocidente” (p. 27). O autor afirma ainda que o sionismo se tornou, para os palestinos, o agente de “uma cultura essencialmente forte e discriminatória” e os seus efeitos na Palestina devem ser estudados no contexto do imperialismo europeu, “quando o sionismo ainda era uma ideia e não um Estado chamado Israel” (p. 81-82).

Para descrever o sionismo, Gherman propõe uma divisão em dois períodos: o primeiro (de 1880 até 1940) é marcado pela construção do Estado através de ações da Organização Sionista, que administrava as instituições do *Ishuv*¹⁴ e visava promover a imigração dos judeus para a Palestina, além de angariar apoio tanto político quanto financeiro da comunidade judaica da diáspora. O autor diz que esse período é caracterizado pelo “Sionismo Clássico” e que, por razões ideológicas, “era hegemônico por correntes da Esquerda sionista, com fortes componentes seculares e uma perspectiva profundamente anti-diaspórica [...]” (GHERMAN, 2012, p. 4).

O segundo período (de 1948 até 1967) diz respeito à criação do Estado de Israel, nomeado como “Sionismo Estatal”. Gherman compreende que o uso político da memória do Holocausto pelas instituições de ensino sionistas marca essas duas décadas e se “consolida como a prova da inviabilidade da vida Judaica fora de Israel, apontando para a legitimação da existência do Estado judeu e ainda para a justificativa de práticas e atitudes cotidianas”. A história judaica, dessa forma, foi apropriada pelos sionistas transformando o Estado de Israel no centro do judaísmo, pondo “fim” ao judaísmo europeu. Esse processo, entendido pelo autor como “sionificação” do judaísmo, permeou “as comunidades judaicas no mundo inteiro, consolidando a imagem sionista como imagem do futuro, hegemônica e salvacionista” (GHERMAN, 2012, p. 6-7).

Avineri, numa outra perspectiva, defende que sempre houve uma ligação entre o povo judeu da diáspora com a região compreendida atualmente como Estado de Israel e que os judeus sempre mantiveram a crença de que retornariam a Sião. Segundo o autor, “sempre existiu uma comunidade judia, ainda que pequena, vivendo na Palestina; e sempre teve um punhado de judeus que chegaram à Terra Santa para viver e morrer

13 Discurso de Abertura do Primeiro Congresso Sionista realizado em 29 de agosto de 1897, na Basileia – Suíça (HERZL, 1897). Disponível em: <http://www.chazit.com/cybersio/israel/congresso.html>. Acesso em: 19 jan. 2020.

14 Eisenstadt (1977) desenvolve uma análise dos estágios do *Ishuv* e explica o termo da seguinte forma: “Velho *Ishuv* é o termo usado para a sociedade judaica tradicional da Palestina, ao passo que Novo *Ishuv* é o termo para a sociedade que se desenvolveu ao longo das linhas nacionalistas que começam com a primeira aliá de 1880” (p. 37).

nela” (AVINERE, 1983, p. 13, tradução nossa)¹⁵. No entanto, Avineri também defende que os ideais herdados da Revolução Francesa – secularismo, liberalismo e especialmente o nacionalismo – influenciaram os judeus da Europa no século XIX e que o sionismo político do final do século XIX, fundado por Leon Pinsker, Theodor Herzl e Max Nordau, é mais uma resposta a esses ideais do que ao antissemitismo que vigorou na Europa no mesmo período.

Para esta análise, podemos encontrar consonância entre proposições de Gherman e o documentário *NEY* no tocante ao tratamento do sionismo, entendendo-o como um movimento salvacionista. A comunidade judaica da qual Avruj participou durante a sua infância e que influenciou sua formação é imbuída pela “sionistificação” do judaísmo. Além disso, o documentário faz uso de imagens, som e uma narrativa que remetem à memória do Holocausto. Em concordância com Avineri acerca da localidade, *NEY* trata a Palestina como “antiga terra de Israel”. As crenças sionistas transmitidas pela família e pelo meio em que Avruj viveu modelaram o seu pensamento e implicaram no modo como ele olhou o conflito ao cruzar as fronteiras construídas em Israel por um sionismo que ele ainda não conhecia; ou seja, havia muito mais para Avruj conhecer durante a viagem sobre o sionismo “salvacionista” que promoveu a imigração dos judeus para a Palestina.

No documentário *NEY*, ao atravessar a fronteira de Erez para Gaza, Avruj diz: “De um lado estavam os assentamentos israelenses e do outro a passagem para Gaza. Decidi seguir esse caminho”. Ele conseguiu uma carona que o levou para a aldeia de Beit Hanoun, em Gaza. Foi naquele dia que Avruj conheceu Hamed, que o convidou para se hospedar em sua casa. A partir de então Avruj conheceu de perto os costumes e os problemas dos palestinos de Gaza.

A fronteira era uma coisa concreta, visível e próxima. Como lá não havia turistas, tinha medo que achassem que eu fosse do serviço secreto israelense. Eu queria apagar qualquer suspeita. (Na sequência, ele aponta para uma direção e diz para os palestinos) Argentina é lá, mas muito, muito longe Nicolás Avruj (NEY, 2015).

Avruj não revelou a sua identidade judaica para os palestinos de Gaza; ao contrário, reforçou sua identidade argentina. Em *NEY*, o diretor afirma: “Secretamente, mantinha a ilusão de que Hamed não guardava rancor contra os israelenses. Não sei se ele me notava, mas por segurança não me senti capaz de dizer”. Nesse momento, a

15 [No original] “[...] siempre existió una comunidad judía, aunque pequeña, viviendo en Palestina; y siempre hubo un puñado de judíos que llegaron a Tierra Santa para vivir y morir en ella.” (AVINERI, 1983, p. 13).

identificação com a Argentina como lugar de pertencimento nos revela também uma escolha de distanciamento da cultura judaica enquanto ele estava em meio aos árabes de Gaza.

Há um discurso da política israelense alegando que conceder o direito de retorno aos exilados palestinos seria como cometer um suicídio político. Além do mais, “Israel é um Estado para os judeus, e sempre deve ser dada a eles a opção infinitamente aberta de um possível ‘retorno’ a Sião” (SAID, 2012, p. 56). A justificativa para privar os palestinos dos direitos assegurados pela Declaração Universal dos Direitos Humanos (DUDH) se baseia na possível insurreição dos palestinos diante do poder do Estado de Israel caso eles se tornem a maioria no território. Sendo assim, Israel continuou com a política de ocupação, estabelecendo novos assentamentos em terras palestinas, como foi o caso da Cisjordânia, após 1967.

As imagens filmadas nas proximidades de Hebron, em *NEY* - após uma entrevista com um morador do assentamento Alei Sinai -, destacam que ainda vigora a política de apropriação das terras palestinas pelos israelenses, incluindo cortes de árvores e destruição de casas. Na sequência de planos, o documentário mostra outro assentamento, localizado acima de uma casa palestina. Avruj decide ir até a casa e conversar com os palestinos que ali moravam. Na casa ele entrevistou o palestino Jaudi Jabr e conheceu de perto a problemática da ocupação. É em tom de denúncia que Jaudi faz a seguinte declaração no documentário:

Eu plantei umas duzentas árvores na montanha. Um dia meu irmão veio contar que tinha cem soldados na montanha. Cada árvore tem doze anos. Acabaram com tudo em três horas. [...] Sabe que quando tiraram minhas árvores senti como se matassem meus filhos. Mesmo agora quando me lembro [...] às vezes enlouqueço Jaudi Jabr (*NEY*, 2015).

Nesse lugar Avruj também conheceu Neta, uma israelense que fazia visitas periódicas à família Jabr. Em *NEY*, Neta diz que há muitos colonos “ingênuos” por não terem consciência de que por conta deles estarem lá, muitos palestinos perderam tudo. O plano mostra a casa da família e acima dela um assentamento judaico. Os muros que cercam o assentamento revelam a força do Estado que protege os judeus, enquanto que, abaixo dele, a pequena casa palestina desvela a fragilidade dos palestinos diante da fortaleza que representa a estrutura física e política desse assentamento. A denúncia também ocorre através das palavras de Avruj, que diz em *voz over*:

Eu não havia me proposto a fazer uma investigação jornalística ou histórica para o documentário. Só queria viajar um pouco e conhecer o outro lado. Mas, assim que comecei a tirar um pouco do verniz encontrei uma tragédia após a outra. Por trás dos colonos extremistas que quebravam os vidros da casa de Jaudi havia uma ação maior do governo de Israel para tomar posse do território palestino. Construíam assentamentos na Cisjordânia com casas baratas apenas para os israelenses. Abriam estradas que ligavam esses assentamentos a Israel, dividindo o território palestino. Cortavam as árvores nas laterais das estradas. Demoliam as casas das famílias palestinas e expropriavam as terras cultivadas que ficavam então sob domínio israelense Nicolás Avruj (NEY, 2015).

O documentário responsabiliza o governo israelense pela política de ocupação das terras palestinas e pela construção dos assentamentos judaicos na Cisjordânia. É fato que a ação política israelense representa a força do Estado de Israel, no entanto, não se deve apagar a história que remete à origem desse governo. Para os palestinos, os israelenses são sinônimos de ocupadores, colonizadores e sionistas. O sionismo do qual o documentário trata, conforme mencionado, não é semelhante ao sionismo da perspectiva palestina. Avruj não encontrou justeza entre as ideias que a sua família lhe transmitiu e aquilo que ele pôde observar nas fronteiras, mas também não associou a política israelense ao sionismo. Em vista disso, podemos considerar que a narrativa fílmica está na contramão da ideia de que a política israelense de ocupação representa a prevalência da ação sionista que estabeleceu as bases do Estado judeu em 1948.

No campo de refugiados Jabalaia, em Gaza, Avruj entrevistou o palestino Kayed. No documentário, o espectador observa um lugar que tem aspecto de uma oficina de consertos de eletrodomésticos, com muitos aparelhos dispostos nas prateleiras e num balcão. A sequência segue com Kayed sentado em meio aos diversos aparelhos que ali são vistos. Em primeiro plano, o entrevistado não olha para a câmera, mas para o lado direito do enquadramento, dando ao espectador a sensação de que participa do diálogo. De acordo com Nichols, nos filmes nos quais o documentarista participa, a persuasão pode ser reduzida para que haja a sensação de como é estar naquela situação (NICHOLS, 2005, p. 153). Kayed afirma que a culpa de tudo é da ocupação israelense e que não há condições de viver bem ali. Diz ainda que se envolver na política não é uma escolha dos palestinos; a maioria se envolve em alguma organização para poder lutar contra a ocupação israelense. Ele conta para Avruj que pessoas morreram na luta e que outras foram presas, e revela ainda que ele próprio havia sido preso. Avruj pergunta a ele como foi e Kayed explica que o chamaram para uma investigação, mas que, na verdade, ele foi torturado. Enfatiza ainda: “Há momentos em que você deseja a morte, porque não aguenta mais”.

A negação dos direitos palestinos, tanto de usufruir da terra quanto de se locomover com liberdade, evidencia que apenas o israelense pode gozar dos direitos

concedidos pelo Estado. Tendo como premissa o testemunho de Kayed, concluímos que os palestinos que resistiam politicamente à ação do Estado eram alvos de perseguição e expostos a uma situação de difícil sobrevivência. Infelizmente, nem todas as vozes ressonaram no cinema como foi o caso de Kayed no documentário *NEY*.

Em outro momento da viagem pelas terras de Israel e Palestina, o diretor filmou uma transmissão preparada pelos israelenses para o público que passava nas ruas de Jerusalém, à noite. Na transmissão, o comentarista, um judeu com um microfone na mão e usando sobre a cabeça uma *kipá*, informa que o público assistiria o que a televisão palestina exibia 24 horas por dia. O espectador observa, pelas lentes da câmera de Avruj, homens e mulheres assistindo ao que era transmitido, além de observar a tela, que exhibe imagens de crianças entoando algumas canções cujo conteúdo revela enfrentamento político. O comentarista que apresenta a programação diz:

Chamam de clube das crianças, um programa na TV Central, transmitido pela Autoridade Nacional Palestina. As imagens parecem familiares, mas as mensagens não são. O que esta garota espera ser quando crescer? (A menina que aparece na tela canta) Oh, minha irmã, cante o tempo todo. Cada pedaço do nosso solo foi afogado no meu sangue. E nós marcharemos como guerreiros da *Jihad*. (O comentarista retoma a fala) Cinco anos após a Palestina se comprometer com a paz em Israel isso é transmitido na TV. (Outra menina declara) Pegarei o chão com minhas mãos e vou transformá-lo em abismos mortais. (Em seguida, é a vez de um menino cantar) Vim dizer que vamos lançá-los ao mar. Ocupadores! A cada dia chegam mais perto. Vamos acertar as contas. Resolveremos nossas questões com balas e com pedras. (Para finalizar, apenas uma voz feminina entoando) A Palestina é o meu país, não é para os sionistas (NEY, 2015).

O que a referida cena pode representar para o público que assistiu a essa programação em Israel e para o espectador de *NEY*? É válido destacar que a representação do conflito israelo-palestino consiste em ao menos duas narrativas, uma palestina e outra israelense. Essa cena, para o espectador, diz respeito à disputa entre essas duas narrativas; a israelense questiona o fato dos palestinos incitarem as crianças ao ódio e à vingança fazendo promessas de guerra, enquanto que a narrativa palestina afirma ter havido uma apropriação indevida da terra - uma vez que considera os israelenses como ocupadores e sionistas -, além do forte apelo ao sentimento nacionalista ao considerar a Palestina um país para os palestinos. Nota-se que a representação dos lados aqui é dicotômica e que há ódio instaurado no processo, tornando a imagem do outro distante e depreciativa.

A questão das identidades nos documentários

A segunda *Intifada* marcou o fim do período de produção de *Promises* e o começo da viagem de Avruj para Israel, cujo desdobramento resultou no documentário *NEY*. Se a ação das crianças no conflito desde a primeira *Intifada*, em 1987, chamou a atenção de Goldberg e o levou a produzir um documentário, a segunda *Intifada*, ocorrida em 2000, conduziu Avruj a uma experiência com os palestinos de Gaza que permitiu que os seus olhos se abrissem para uma nova perspectiva do conflito entre árabes e judeus. Goldberg precisou afirmar a sua origem judaica, destacando no documentário que há uma possibilidade de conciliação entre árabes e judeus. Para Mahmoud, Goldberg era apenas um americano e não um judeu. Provavelmente nos Estados Unidos o fato de Goldberg ser judeu possibilitou tanto o seu trabalho como jornalista na primeira *Intifada* quanto a produção de *Promises*. Quando se tratam de questões relacionadas à identidade e ao pertencimento não há rigidez, pois são situações “negociáveis e revogáveis”, cuja dependência está na escolha do indivíduo e em como ele prefere agir (BAUMAN, 2005, p. 17).

O diretor de *NEY*, nos territórios palestinos, afasta a sua judaicidade para ser aceito por eles; no entanto, como o documentário revela, não há dúvidas quanto à judaicidade de Avruj. *NEY* mostra para o público que o espaço no qual Avruj viveu durante a sua vida é marcado pela cultura judaica; todavia, faz questão de alinhar os ideais sionistas da sua família à política progressista, cujo histórico remete ao sionismo de viés socialista argentino.

Quando retornou da viagem para a Argentina, o diretor de *NEY*, a partir dos acontecimentos da viagem e tendo como objetivo a produção do documentário, provavelmente se deparou com uma questão que Nichols (2005) já havia levantado: quem nós somos e para quem falamos? A produção de *NEY* contempla duas respostas: nós falamos de nós para nós e nós falamos deles para nós. No caso de *Promises*, uma vez que a equipe de produção continuou dialogando com os personagens que participaram no documentário mesmo após o seu lançamento, existe ainda uma terceira proposta: nós falamos deles para eles. Ressaltamos que, no documentário *NEY*, o lugar de onde se fala é construído para mostrar a importância não apenas de uma origem judaica, mas também de um modo de “ser judeu” que está conectado aos projetos sionistas; que não só lutava contra o antissemitismo, como também apoiava a criação do Estado de Israel. Na representação conferida em *NEY*, nota-se que, para os árabes, era mais conveniente que a identidade judaica de Avruj ficasse velada em virtude de salientar as críticas à ocupação israelense. Em *Promises*, as identidades de Goldberg aparecem para promover o diálogo entre árabes e judeus.

Considerações finais

Os dois documentários revelam, tendo em vista as atitudes dos árabes diante de Avruj e Goldberg, que a voz da comunidade palestina está sendo oprimida, mas que deseja ecoar pelo mundo. Presumivelmente, os palestinos enxergam potencial no cinema para difundir os meandros e abusos cometidos pela ocupação israelense. Apesar de judeus, ambos os diretores mostram a situação na qual a Palestina se encontra. Ser judeu também é lidar com uma cultura compartilhada pelos israelenses. Em determinados momentos, Avruj e Goldberg cruzaram fronteiras em que precisaram relativizar as suas identidades.

Se por um lado o terrorismo é assunto debatido em *Promises* e o filme difunde uma representação depreciativa dos árabes enquanto *NEY* discute o conflito pelo viés das tradições judaicas enfatizando o sionismo, apesar de iluminar apenas um de seus aspectos, por outro lado, ambos os documentários colaboram com o debate sobre os problemas em torno do conflito quando expõem as falas de árabes e judeus em suas diferentes nuances.

Promises e *NEY* representam a conflituosa relação entre israelenses e palestinos e continuam reafirmando a importância dessa discussão nos lugares onde os documentários são exibidos. Sendo assim, o cinema documentário contribui para que a questão da Palestina seja evidenciada para além de suas fronteiras, permitindo também que a voz fílmica seja mais uma voz que clama por justiça para os palestinos, um povo com longo histórico de sucessivas perdas.

Referências

AVINERI, Shlomo. *La idea Sionista: notas sobre el pensamiento nacional judío*. Jerusalém: La Semana Publicaciones, 1983.

BAUMAN, Zygmunt. *Identidade*. RJ: Jorge Zahar, 2005.

COHN-SHERBOK, Dan; EL-ALAMI, Dawoud. *O conflito Israel-Palestina: para começar a entender*. Trad. Claudio Blanc Moraes. São Paulo: Palíndromo, 2005.

EISENSTADT, Sh. N. *A Sociedade Israelense*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1977.

GHERMAN, Michel. Sionismo e o Uso Político-Pedagógico da Memória da Shoá. In: *SEMINÁRIO MEMÓRIA TRAUMA E REPARAÇÃO - PPGHIS-UFRJ*, Rio de Janeiro, 2012.

HERZL, Theodor. Discurso de Abertura do Primeiro Congresso Sionista. Basileia - Suíça, 29 de agosto de 1897. Disponível em: <http://www.chazit.com/cybersio/israel/congresso.html>. Acesso em: 19 jan. 2020.

LODOS, Claudinei. Um olhar sobre o processo de paz Israel-Palestina e a problemática da terra no documentário Promises (2001). *Revista Lusófona de Estudos Culturais*, Braga-Portugal, vol. 6, n. 1, 2019.

MORETTIN, Eduardo V. O cinema como fonte histórica na obra de Marc Ferro. In. CAPELATO, Maria Helena [et al.]. *História e cinema*. São Paulo: Alameda, 2007.

MORRIS, Benny. *Um Estado, Dois Estados – Soluções para o Conflito Israel-Palestina*, São Paulo: Ed. Séfer, 2014.

NEY: Nosotros, Ellos y Yo. Direção de Nicolás Avruj. Argentina: Campo Cine, 2015. 1 DVD (85 min.)

NICHOLS, Bill. *Introdução ao Documentário*. Campinas, SP: Papirus, 2005.

PAPPÉ, Ilan. *A Limpeza Étnica da Palestina*. Trad. Luiz Gustavo Soares. São Paulo: Sundermann, 2016.

PROMISES. Direção de Justine Shapiro, B.Z. Goldberg e Carlos Bolado. EUA: Promises Film Project, 2001. 1 DVD (106 min.)

RAMOS, Fernão Pessoa. *Mas afinal... O que é mesmo documentário*. São Paulo: Editora Senac, 2008.

SAID, Edward W. *Fora do lugar: memórias*. Trad. José Geraldo Couto. – São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

SAID, Edward W. *A Questão da Palestina*. Trad. Sonia Midori. São Paulo: Ed. Unesp, 2012.

SILVA, Cintia R.F.da. O caso Dreyfus, Émile Zola e a imprensa. *Revista de Artes e Humanidades Contemporâneas*, São Paulo, nº11, 2013.